

# HOMOSSEXUALIDADE: DEPOIMENTOS DE HOMENS

## HOMOSEXUALITY: MALE TESTIMONIES

*Maria AT Bruns<sup>1</sup>, Cristiane R Marque<sup>2</sup>*

### RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender como alguns homens experienciam a homossexualidade atualmente, ou seja, que significados atribuem à própria vivência desse fenômeno. Foram ouvidos sete homens pertencentes à faixa etária entre 40 e 50 anos que se declaram como homossexuais, cujos depoimentos foram submetidos à análise qualitativa fenomenológica e ao referencial teórico-filosófico de Martin Buber. Os discursos destes homens revelaram que no decorrer da existência definiram-se como homossexuais, apesar de se sentirem o alvo de preconceitos. Percebem-se estigmatizados pela sociedade, recusam-se a personificar estereótipos e preferem buscar a integração social a viver em guetos.

**Palavras-chave:** homossexualidade, estigma, fenomenologia, sexualidade

### ABSTRACT

The objective of this study was to understand how some men experience homosexuality in our age, or what significance they attribute to their own experience of this phenomenon. Seven men in the 40 to 50 years old age group who were declared homosexuals were interviewed. Their testimonies were submitted to qualitative phenomenological analysis and the theoretical-philosophical Martin Buber standard. Their discourses revealed that in the process of their own identification as homosexuals in spite of their feeling the target of prejudice, they perceived themselves as being stigmatized by society, refusing to incorporate a stereotyped personality preferring to search for social integration instead of living in ghettos.

**Keywords:** homosexuality, stigmatized, phenomenological, sexuality

ISSN: 0103-4065

*DST – J bras Doenças Sex Transm 14(2):5-11, 2002*

### INTRODUÇÃO

A homossexualidade, em especial a masculina, é um assunto que tem sido intensivamente discutido no momento atual, seja nos meios de comunicação de massa ou mesmo em conversas informais entre as pessoas. Diante de tal realidade, esta pesquisa buscou ampliar a compreensão deste fenômeno com base nos relatos dos próprios homens que o vivenciam, os quais foram solicitados a responder às seguintes indagações: *“O que é a homossexualidade masculina? Como a homossexualidade vem sendo vivida hoje? Quais os problemas enfrentados pelos homossexuais? Como se dá a relação com a família? Com os amigos? E com relação à profissão?”*.

Estas questões dirigidas a esta faceta da sexualidade humana têm demarcado espaço cada vez maior nas mais diversas áreas do conhecimento com diferentes enfoques teórico-metodológicos, seja para explicar suas causas, sua história, ou até mesmo para simplesmente censurá-la.

Baudry e Daniel<sup>1</sup> esclarecem que *“queira-se ou não, a homossexualidade é um fenômeno existente desde as origens da história humana e que sempre existiu em toda parte. Foi diversamente interpretada, diversamente admitida, diversamen-*

*te explicada, mas nenhuma sociedade a ignorou”* e, segundo os referidos autores, já no ano 2000 a.C. havia documentos registrando o fenômeno.

Nos dizeres de Lins<sup>2</sup>, o modo como a homossexualidade era encarada na Antiguidade Clássica Grega, especialmente em Creta e Esparta, é de especial importância histórica para a civilização ocidental, não só pelo que representava o fenômeno na época, como também pelo fato de o desenvolvimento de nossa cultura moderna dever-se a muitos modos do pensar grego.

Foucault<sup>3</sup> expõe o fato de que os gregos não opunham, como duas escolhas excludentes, ou como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes, o amor por alguém do próprio sexo ou o amor por alguém do sexo oposto. A oposição entre um homem temperante e senhor de si mesmo e aquele que se entregava aos prazeres era, do ponto de vista da moral, muito mais importante do que a forma escolhida para se obter prazer. Ter comportamentos frouxos consistia em não saber resistir nem às mulheres nem aos rapazes, sem que esta última conduta fosse mais grave do que a outra.

Os gregos não reconheciam duas espécies de desejos, duas pulsões diferentes ou concorrentes, podendo-se escolher livremente entre homens e mulheres e, a seus olhos, *“o que fazia com que se pudesse desejar um homem ou uma mulher era unicamente o apetite que a natureza tinha implantado no coração do homem para aqueles que são “belos”, qualquer que seja o sexo”*<sup>3</sup>.

O modo como era encarada a homossexualidade na Grécia é bastante semelhante ao modo que a mesma era encarada na

<sup>1</sup> Dra. em Psicologia Educacional, Psicanalista, Especialista em Sexualidade Humana, Docente do Curso da Pós-Graduação em Psicologia do Depto de Psicologia e Educação da F.F.C.L. - USP Campus de Ribeirão Preto

<sup>2</sup> Psicóloga graduada pela FFCLRP- campus USP

\* Pesquisa financiada pelo PIBIC/USP/CNPq

Roma Antiga, a ponto de Veyne<sup>4</sup> considerar que “*não há o que distinguir entre gregos e latinos, e o amor grego poderia ser chamado amor romano com igual legitimidade*”.

No que se refere ao amor, o ideal romano, assim como o grego, estava centrado na vitória da razão sobre o prazer, uma vez que a paixão amorosa, homossexual ou heterossexual, enfraquece o homem. As condutas não se classificavam de acordo com a preferência sexual, ou o amor pelas mulheres ou pelos homens, e sim pela postura ativa ou passiva, pois o que importava era que o prazer fosse expresso de modo viril, ou seja, ser o homem ativo, fosse qual fosse o sexo do parceiro, chamado então, de passivo.

Assim, seria incorreto encarar a Antiguidade como paraíso da não repressão e imaginar que ela não tivesse controle, mediante certos princípios. O que ocorre é que esses princípios expressavam uma repressão sexual diferente, na qual a homossexualidade não era menos mítica que ocorre na sociedade atual.

Ao longo da Idade Média a postura diante da homossexualidade muda radicalmente. O judaísmo, matriz do cristianismo, opunha-se claramente à homossexualidade e chegou a incluí-la na mesma categoria em que colocou o incesto, a bestialidade e o adultério, sendo passível de pena de morte. O cristianismo considerava o sexo apenas uma forma de reprodução, e qualquer comportamento sexual que não levasse à procriação era um pecado contra a natureza. Os homossexuais foram colocados no mesmo nível dos assassinos, hereges e traidores.<sup>2</sup>

No começo do século XIX, o discurso sobre a homossexualidade oscilou entre as hipóteses de ser tal conduta uma perversidade que deveria, por isso ser condenada, e a de ser uma doença que deveria ser compreendida e, como tal, ser curada. E assim, apesar de incorporada ao campo da Medicina, a homossexualidade continuou vulnerável a julgamentos morais, especialmente por permanecer ancorada à concepção ofensiva aos “bons princípios”. O homossexual é ainda hoje considerado uma ameaça à nação e à família e um traidor do ideal masculino da nossa cultura, ou seja, o ideal do pai de família heterossexual.

Desde o início do século XIX, muitos modelos teóricos surgiram para explicar e definir a homossexualidade, tentando elucidar suas causas, tanto baseando-se em hipóteses que priorizavam os fatores biológicos como as que defenderam as influências das condições sociais no desenvolvimento do indivíduo. E, ainda neste século, o homossexual continuou aprisionado, visto por muitos como perigoso, imoral, doente ou desviante. Apenas em 1974, segundo Pollak<sup>5</sup>, a homossexualidade deixou de ser considerada doença pela

Associação Americana de Psiquiatria, num ato simbólico que marcou uma reviravolta nas relações de força entre as diferentes teorias da sexualidade.

Para Fry e Macrae<sup>6</sup>, o grande tabu sobre a homossexualidade perdurou até meados do século XX quando, na década de 60, o surgimento dos anticoncepcionais permitiu a dissociação entre o ato sexual e a reprodução, revolucionando os valores e normas relativas à sexualidade. A homossexualidade, expressão máxima dessa dissociação, pela qual é possível atingir um alto nível de prazer sem a menor possibilidade de reprodução, foi beneficiada socialmente. Os homossexuais puderam, então, sair da clandestinidade e afirmar sua “normalidade”, tornando-se mais tolerados socialmente. O primeiro passo dado por alguns homossexuais que saíram da clandestinidade foi o de autodenominarem-se *gays*. Nasceu, assim, nos anos 70, inicialmente nos

Estados Unidos, o Movimento *Gay*, com a proposta de mostrar que o heterossexualismo não é o único modo normal de expressar sexualidade, passando assim a questionar determinados aspectos das instituições masculinas e o privilégio dos machos.

Os homossexuais passaram a sentir confiança em si próprios e a aceitação de sua própria sexualidade foi benéfica, mas o reconhecimento da condição de minoria trouxe desvantagens. Num primeiro momento, os homossexuais reivindicaram o direito à diferença – etapa necessária de reconhecimento pela maioria – e, com ela, a idéia de que o homossexual é espécie à parte, acarretando o que eles menos desejavam: sua exclusão pela sociedade. A ênfase na idéia de minoria dificultou a visão de que a homossexualidade, explícita ou recalçada, é um aspecto da sexualidade de cada um.

Nos anos 80, houve uma modificação na postura do Movimento *Gay*, ao ser percebido o perigo de persistir-se num caminho que levaria com certeza ao estigma e ao gueto. Ampliou-se o conceito de homossexualidade que antes se restringia à identidade sexual. Preocupou-se em mostrar que os homossexuais são homens com os mesmos atributos dos outros sem que haja uma recusa dos papéis sexuais tradicionais, a sexualidade não determina o gênero, ou seja, a condição de pertencer ao sexo masculino ou feminino. Os homossexuais não mais reclamaram o direito à diferença. Passaram sim, a ansiar ser olhados como seres humanos e como cidadãos entre outros, sem privilégios. O drama da minoria homossexual, todavia, depende, antes, do olhar que a maioria heterossexual (ou que se diz heterossexual) volta a ela.<sup>6</sup>

Também não é possível descartar outra grande desconfiância sobre o comportamento dos homossexuais com relação ao surgimento da Aids. No início dos anos 80, a Aids veio a público como uma “doença dos homossexuais”. O avanço do conhecimento científico e a alteração do perfil da síndrome não romperam a ideologia que associava homossexualismo e morte, mas a afrouxaram. A Aids mostrou não ser uma doença de homossexuais, como veiculava o preconceito, mas continuou sendo uma questão importante, a ponto de Costa<sup>7</sup> acreditar que o risco de infecção entre indivíduos homossexuais está diretamente relacionado à maneira como lidam com o preconceito dirigido contra suas preferências homossexuais.

A sociedade constrói uma teoria do estigma, que se baseia em uma ideologia para explicar a inferioridade de um grupo visto como diferente, e o perigo desta ideologia é que os padrões que o estigmatizado incorpora por força da sociedade fazem que ele interiorize o “defeito” que os outros vêem nele e se sintam “abaixo” do que realmente deveria ser<sup>8</sup>.

Ancorado nessa visão, fica fácil reconhecer que existem “*diversos problemas enfrentados pelos homossexuais, como consequência das experiências sociais específicas que encontram na sociedade e dos significados sociais que atribuíram a elas*”<sup>9</sup>.

A razão que, de certa forma, explica as atividades discriminatórias com relação aos homossexuais em nossa sociedade é de ordem ideológica. Vivemos numa sociedade que predominantemente se diz heterossexual e nossa concepção de masculinidade é heterossexual, o que faz a homossexualidade desempenhar um papel de contraste, reforçando sua imagem negativa e reforçando o aspecto positivo e desejável da heterossexualidade<sup>2</sup>.

Esta opinião é compartilhada por Costa<sup>7</sup>, o qual, para que um ideal se mantenha é preciso que existam casos que contrariem ou não cumpram os requisitos exigidos para a realização deste ideal. Assim, a construção do ideal de masculinidade heteros-

sexual implica a figura da antinorma ou do desvio do ideal, que seria o homossexual. Para este estaria reservada a posição de diferente que, em nome da norma ideal, a maioria outorga-se o poder de destruir física ou moralmente.

No que diz respeito à vivência de experiências sociais negativas, como o preconceito, Grassi<sup>10</sup> faz uma afirmação expondo que a atitude da sociedade diante da homossexualidade é um elemento importante para a definição da identidade homossexual, no sentido de que “*ser homossexual, simbolicamente, é suportar as adversidades de uma sociedade que não permite a expressão de seu desejo, e ser discriminado, tachado e repudiado. É ser castrado pela sociedade. Mas, também é representar a própria castração de todos nós: que nosso desejo jamais se realiza totalmente, que vivemos a ilusão de completude ao nos submeter às instituições sociais (como o casamento), e que somos feitos de faltas. Nesse sentido, o ser homossexual é aquele que, em sua vivência, mostra a castração social.*”

Assim, com base nos estudos realizados pelos autores citados até agora, torna-se possível reconhecer a homossexualidade como um fato pessoal, social, cultural e histórico; como um fenômeno vivenciado por inúmeras pessoas no decorrer da história da humanidade.

Estudar a homossexualidade valendo-se de uma perspectiva fenomenológica, ou seja, com base na vivência dos próprios homossexuais pode permitir que a população, pesquisadores e profissionais diversos compreendam mais sobre a vivência subjetiva e humana dessa forma de expressar a sexualidade.

## METODOLOGIA

Para realizar esta investigação foi eleita a trajetória fenomenológica proposta por Martins e Bicudo<sup>11</sup>, Bruns<sup>12</sup> uma vez que esta metodologia possibilita ampliar a compreensão do fenômeno indagado valendo-se das vivências dos próprios indivíduos que o experienciam e dos significados que estes indivíduos lhe atribuem.

Nesse sentido, torna-se essencial o discurso de quem experiência o fenômeno indagado, ou seja a descrição subjetiva do fenômeno. A descrição ou relato é, então, o primeiro passo desta trajetória e, após sua realização, são feitas leituras e releituras dos relatos com o intuito de perscrutar o mundo-vida dos informantes. Para realizar esta abordagem, o pesquisador deve efetuar, como um segundo passo, a redução fenomenológica, a *epoché* ou suspensão, de modo que seus juízos, preconceitos e idéias interfiram o mínimo possível na apreensão do fenômeno. O resultado da redução é um conjunto de asserções significativas para o pesquisador e que apontam o para a experiência do informante, para a consciência que este possui do fenômeno.

Após a identificação das unidades de significados, são buscadas as convergências e/ou divergências entre elas e é expresso o significado psicológico que denotam. A síntese e a integração dos *insights* dessas unidades permitem a visualização da compreensão do fenômeno em questão. A compreensão pressupõe uma interpretação e compõe o terceiro e último passo da análise.

Serviram de trilha na trajetória em busca da compreensão da homossexualidade masculina as idéias de Martin Buber, para o qual o homem é um ser relacional, capaz de múltiplas relações, que se expressam basicamente por meio de duas atitudes definidas com base nas palavras-princípio *Eu-Tu* e *Eu-Isso*. A atitude *Eu-Tu* caracteriza-se pela responsabilidade, reciprocidade, pre-

sença, totalidade, espontaneidade, subjetividade, constituindo-se num modo de relacionamento que revela o significado mais profundo da existência, pois define o mundo do relacionamento existencial. A atitude *Eu-Isso* caracteriza-se pela forma superficial e impessoal de relação, constituindo-se no princípio nomológico no qual não há envolvimento e compromisso com o outro. No vivenciar *Eu-Isso*, o homem “coloca-se diante das coisas em vez de confrontar-se com ela no fluxo da ação recíproca”<sup>13</sup>.

No entanto, é preciso explicitar que as relações demarcadas pela categoria *eu-isso* podem possibilitar um processo de aprendizado, cujo distanciamento viabiliza um olhar objetivo do fenômeno, refletindo uma atitude do saber. Mas Buber lança um alerta: “o homem não pode viver sem o *isso*, mas aquele que vive somente com o *isso* não é homem”<sup>13</sup>.

## Acesso aos informantes

Para a realização deste estudo, foram entrevistados sete homens e o critério utilizado para a escolha foi o de que eles estivessem numa faixa etária entre 40 e 50 anos, que se percebessem como homossexuais e aceitassem o convite para participar dessa pesquisa.

O contato com os informantes deu-se por intermédio de amigos que são ou conhecem homens homossexuais. Após terem sido contactados esses homens, foi-lhes explicitado o objetivo da pesquisa, a qual volta-se a compreender o sentido e o significado da homossexualidade para aqueles que a vivenciam. Após a exposição desse objetivo e tendo os informantes concordado em participar do estudo, foram agendadas as entrevistas individualmente na residência dos mesmos ou em outro local escolhido por eles.

A escolha desta faixa etária justifica-se apenas pelo fato de que nessa idade já foi vivenciado um tempo relativamente longo da existência, ou seja, tempo para tomar consciência de sua orientação afetivo-sexual. Todavia, faz-se necessário lembrar que optar por essa faixa etária trouxe algumas implicações que dificultaram a realização do estudo.

A maior dificuldade foi encontrar homens nesta faixa etária que assumissem publicamente sua homossexualidade, pois, apesar de tal fato não se ter constituído como critério para seleção, revelou-se como possibilidade de contato para realização das entrevistas. Alguns informantes relataram que conhecem outros homens nesta faixa etária que mantêm relacionamentos homossexuais, porém não assumem publicamente sua conduta, motivo pelo qual eles não se sentiriam à vontade para indicá-los como possíveis colaboradores. Diante dessas circunstâncias, o fato de os próprios informantes se considerarem homossexuais e assumirem a homossexualidade publicamente foi decisivo para a viabilização deste estudo.

A importância dessa aceitação foi decisiva para a realização desta investigação, pois, como não é conhecido nenhum critério neutro ou objetivo para classificar alguém como “um verdadeiro homossexual” esta pesquisa baseou-se portanto, na percepção que cada um dos informantes possui de si próprio.

## INSTRUMENTOS

Utilizou-se uma entrevista aberta mediada por uma questão norteadora que foi apresentada da seguinte maneira: “Fale sobre o modo como você vivencia sua sexualidade”. A pesquisadora responsável pelas entrevistas buscou estabelecer com o

informante um encontro, cuja empatia possibilitasse ao informante sentir-se seguro para relatar sua experiência, ou seja que ele sentisse que realmente estava sendo escutado e pudesse ficar à vontade para falar. Além disso, a questão norteadora foi reestruturada algumas vezes durante a entrevista para facilitar a compreensão do seu sentido para o entrevistado.

Foi assegurado aos informantes total sigilo sobre sua identidade, e com a autorização dos mesmos, os discursos foram gravados e descritos na íntegra, para então serem analisados segundo a metodologia qualitativa fenomenológica que já foi definida no corpo deste trabalho.

## A VOZ DOS INFORMANTES

### A atitude da família em face da homossexualidade do filho

*“Isso (a homossexualidade) foi muito velado, nunca foi declarado, nem da minha parte para eles (familiares) e nem da deles para mim” (Informante 3, 41 anos, artista plástico, grau universitário)*

*“Eu acho que família, né?, família, cidade que você nasceu, uma coisa assim, terrível (Informante 4, 48 anos, artista plástico, grau universitário)*

*“Quando a minha família descobriu minha homossexualidade eu não tive mais festa de natal, aniversário e eu era meio marginalizado, meio não, era bem marginalizado dentro da família ...enfrentei as problemáticas normais que um homossexual poderia enfrentar numa família, como eu disse, pequeno burguesa, de classe média alta, italiana. Todos os problemas da minha homossexualidade foram escondidos, fui um pouco segregado por eles” (Informante 5, 50 anos, artista plástico, grau universitário)*

*“Ah meu filho vai para outra cidade, pra não ficar para não envergonhar a família, mas isso já explorado pela própria família que diz que o filho tem tendência de rico, vai para ganhar dinheiro fácil, né, entendeu?, então eu já passei por isso daí... na minha família é assim, não tem comentário nada, nada de ninguém” (Informante 6, 45 anos, “pai de santo”, ensino fundamental)*

*“Não deixava transparecer isso daí, não deixava, eu era muito arisco, e fazia, mas não deixava transparecer. . . minha mãe descobriu, não sei como, meu pai descobriu, só que nunca falaram nada para mim” (Informante 7, 49 anos, gerente de loja, grau universitário)*

Esses relatos permitem perceber que foi na relação com a família que alguns dos informantes tiveram as primeiras manifestações da repressão sexual. Esta repressão, que seria posteriormente sentida pela sociedade, iniciou-se no núcleo familiar tendo em vista ser este núcleo uma cópia miniaturizada da sociedade<sup>14</sup>.

Analisando-se a convergência dos discursos, é possível detectar que essa repressão se deu predominantemente por intermédio do silêncio acerca da sexualidade. Esses discursos retratam um tipo de postura de família que não conversa com os filhos sobre um assunto que consideram proibido como a homossexualidade, tentando negar essa realidade pela ausência de diálogo, como se o não falar sobre o assunto a tornasse inexistente.

Assim, diante de todos esses comportamentos explicitados ou desvelados pelo não-dito pela repressão, diante dos tabus e concepções que a sociedade cria perante a vivência da sexualidade e conseqüente imposição de papéis lícitos e ilícitos, o ser um filho homossexual é vivido de forma conflituosa pelos entrevistados dentro da família.

Todo esse conflito desvelado nestes discursos é marcado por um hiato na relação entre pais e filhos. O que pode ser percebido é um isolamento, uma segregação, a inexistência do diálogo.

O que parece prevalecer é um contato entre pessoas em que não há confrontação existencial indicando uma vivência familiar marcada pela postura *Eu-Isso*. O isolamento e a dificuldade do contato que estes homens experienciam contrapõem-se ao *tu* da relação ontológica, uma vez que este rejeita a idéia do sujeito fechado em si, diante de um mundo igualmente fechado de objetos. Um relacionamento *Eu-Tu* deveria salientar-se por uma reciprocidade, uma mutualidade explícita de compreensão e linguagem entre os envolvidos numa relação; seria um encontro autêntico onde o outro estaria realmente presente.

Outra característica que dá indícios de que a relação pode ter sido vivida com base na atitude *Eu-Isso* é a falta de espontaneidade. O homem, segundo a categoria *Eu-Tu*, comunica-se com o outro naquilo que ele é e no que reconhece que os outros são. Só assim a intercomunicação existencial se torna possível, e, nesse diálogo autêntico o outro se afirma como aquilo que realmente é e se confirma em sua natureza de criatura, em seu ser total.

No entanto, o que se tem aqui é o pronunciamento do *Eu-Isso*, no qual o *eu*, tanto dos informantes quanto o *eu* que eles percebem de seus familiares, se colocam diante das coisas, ao invés de confrontar-se com ela no fluxo da ação recíproca. Quem está realmente na relação participa de uma atualidade, ou seja, de um ser que não está unicamente nele nem unicamente fora dele, quando não há participação conjunta, não há atualidade, quando há apropriação de si, também não há atualidade. Quanto mais o contato do *tu* é imediato, mais perfeita é a participação. O sujeito que se defronta efetivamente com o outro vive mais que uma simples experiência psicológica já que então surge uma realidade em que os dois sujeitos vivenciam conjuntamente.

Os relatos revelam que, diante deste conflito em torno da homossexualidade no contexto familiar, aquilo que acaba prevalecendo é uma vivência psicológica, na medida em que acontece no interior de cada indivíduo. Resta para o diálogo apenas uma lacuna, pois seu sentido se dá no intercâmbio, na “interação”, no “entre” as pessoas envolvidas que, neste caso, não se fazem presentes.

### A vivência de preconceito, estigma e estereótipo

*“O que pesa muito para o nosso lado são os estereótipos, as figuras que estereotipam, porque eu acho que não tem que estereotipar nada (...) Quando você fala “eu sou homossexual” a imagem que vem na cabeça de uma pessoa dita normal é a bicha escandalosa de esquina, e isso pesa” (Informante 3, 41 anos, artista plástico, grau universitário)*

*“Eu não tenho, não tenho que usar saia, não tenho que me pintar, não tenho que rebolar, é uma coisa mesmo... (Informante 4, 48 anos, artista plástico, grau universitário)*

*“Pra ser homossexual não precisaria, não precisa né, é vestir, se fantasiar de mulher” (Informante 6, 45 anos, “pai de santo”, ensino fundamental)*

*“Eu acho que o preconceito ele é a conseqüência dessa postura, assim, de quando eu chego na tua casa está escrito aqui na (testa) ‘eu transo com homem’” (Informante 1, 46 anos, professor, grau universitário)*

Como já foi observado no estudo<sup>6</sup>, uma das primeiras atitudes do Movimento Gay foi submergir dos subterrâneos soci-

ais nos quais se escondiam para o seu oposto, a exagerada exposição de seus corpos e suas vidas, o que facilitou à sociedade estigmatizar como “bicha louca, efeminado” e outros termos afins, os homossexuais. Hoje os discursos revelam o quanto eles se incomodam com esta postura de tentar fazer que eles internalizem estes valores e o quanto anseiam libertar-se dos estereótipos e do preconceito que a sociedade lhes reserva.

Na realidade a dificuldade que rodeia o fenômeno da homossexualidade parece residir no fato de que nossa sociedade se mostra incapaz de perceber a alteridade entre os seus membros e aceitá-la, sem distinguir umas pessoas das outras pejorativamente.

Mariotto<sup>16</sup> esclarece-nos que alteridade é a absolutividade da presença do outro, e jamais pode ser sinônimo de diferença. Quando se recusa a alteridade e se é conduzido apenas pela ideologia da diferença, então tem-se a possibilidade de negação quase que absoluta do outro. Assim, o homossexual não é “alter”, mas o diferente e defeituoso que não deve ser considerado como pessoa, pois as pessoas não suportam o que é reconhecido como estranho, e, só por isso, é diferente.

A redução da alteridade à diferença impossibilita todo verdadeiro encontro, o encontro *Eu-Tu*, que fundamenta a vida dialogal e mostra a dificuldade dos indivíduos relacionarem-se de forma verdadeiramente “humana” nos variados grupos sociais.

Um dos piores resultados do domínio da diferença sobre a alteridade, porém, ocorre quando o diferenciado perde espaço de ser diferente e tenta, para não sucumbir, imitar a diferença dominante, recusando-se à busca da própria alteridade para tornar-se um arremedo das diferenças nos padrões, e, muitas vezes, este é o tipo de sofrimento que é infligido aos homossexuais, quando o padrão social ao qual estão submetidos é o do homem heterossexual.

Quando os indivíduos passam a ocupar-se apenas com o “meu”, dizendo: minha espécie, meu agir, tornam-se seres egóticos, seres que se iludem na representação efetiva de si mesmo, contemplando e venerando esta aparência<sup>13</sup>.

Os discursos dos informantes mostram sua percepção sobre o comportamento da sociedade que se dá de forma egótica e, então constroem rótulos pejorativos que representam erroneamente o universo homossexual, pois não consideram a totalidade do ser dos homens assim tachados. E neste momento eles clamam por serem vistos em sua completude, com o direito de expressar a identidade a qual melhor explicitam seus desejos, não aceitando assumir o papel de contraste ao homem viril, que reforça a imagem positiva deste e denegre a sua.

### O homossexual e a recusa ao gueto

*“A característica número um do mundo gay é dizer ‘eu sou gay’ (...) Eu não frequento locais homossexuais, eu não pertencço a gueto (Informante 1, 46 anos, professor, grau universitário)*

*“Eu não sou muito a favor de guetos, seja ele qual for, né, gueto, seria assim, por exemplo, o gueto homossexual (...) eu gosto mais da mistura, acho que é mais leve(...)Não gosto de frequentar muito gueto, ficar muito fechadinho nesse circuito homossexual (Informante 2, 41 anos, paisagista, grau universitário)*

*“Essa coisa de boate gay, de bar gay, eu não gosto disso mais, porque eu acho que ali fica um ambiente (...) vira um gueto mesmo (...) é um ambiente muito pavão” (Informante 3, 41 anos, artista plástico, grau universitário)*

*“Esse mundo muito fresco, muito viado, assim, eu num, num, num gosto” (Informante 5, 50 anos, artista plástico, grau universitário)*

*“Não gosto não, esse negócio de ficar levantando bandeira “Ah, eu sou gay”, participar de maratona, não vale nada(...)Esse negócio de sair turminha, tudo junto, um gueto, gueto é agressão” (Informante 7, 49 anos, gerente de loja, grau universitário)*

*“Odeio empunhar bandeira, não sou machão, mas também não vou ser essas bichonas por aí, então é isso de empunhar bandeira, de sair por aí esbradando e “Ah, eu faço parte do movimento gay”, porra, isso é pra bicha que não tem o que fazer, sabe, aquelas que fazem gueto, eu acho isso terrível” (Informante 7, 49 anos, gerente de loja, grau universitário)*

*“A medida que os homossexuais se conscientizaram de sua “diferença” e reivindicaram o direito de viver sua vida assumindo-a plenamente, foram levados a constituir, à margem da sociedade heterossexual, uma sociedade paralela, ou gueto, que pode-se tornar um verdadeiro decalque da outra, sem pontos de contato com ela, correndo o risco de chegarem a perder o contato com o mundo<sup>1</sup>.*

O que se evidencia nos discursos dos informantes é uma postura contrária à separação e o desejo de se encontrar com o mundo. Estes homens mostram-se dispostos a sair do isolamento a que, de certa forma, a sociedade os condenou para engajar-se na vida do diálogo com o mundo. Revelam que não querem levantar a bandeira do “diferente” e viver fechados entre seus iguais. Clamam por ser reconhecidos como humanos que querem se misturar com outros humanos e estabelecer relação com eles. Na dualidade de seu *eu*, parecem escolher a possibilidade de *eu*, que permite o relacionamento *Eu-Tu*, o genuíno encontro com o outro e com o mundo.

Desse modo, “o mundo é duplo para o humano segundo a dualidade de sua atitude”<sup>13</sup> e estes homens deixam aflorar a atitude de serem aqueles que, no mundo, podem ser com o mundo. Por existirem, e por serem essencialmente existência, tentam superar qualquer definição que tenha sido feita por outrem de si próprios. Ao se defrontarem com uma nova percepção de si mesmos não são mais isso conforme conceberam antes, mas são o que agora poderão conceber novamente à luz da percepção interior.

Estes homens mostram-se fruto de um passado que querem viver o presente fazendo-se presentes no mundo, o que vai ao encontro do pensamento de Buber<sup>13</sup> quando expressa “O presente, não no sentido de instante pontual que não designa senão o término, constituído em pensamento, no tempo “expirado” ou a aparência de uma parada nesta evolução, mas o instante atual e plenamente presente, dá-se somente quando existe presença, encontro, relação. Somente na medida em que o Tu se torna presente a presença se instaura.”

O homem busca ser melhor do que lhe foi ofertado nos limites do que lhe for recusado. E na correspondência a este despejar, tanto de ofertas como de recusas, o homem chega cada vez mais próximo de si mesmo<sup>16</sup>.

### O aceitar-se e o revelar-se como homossexual

*O modo às vezes que você encara isso (a homossexualidade) ou devia encarar isso, fica mais simples, sabe, eu comecei me aceitando, sabe, é assim que eu sou, é assim que eu me*

relaciono com o mundo (Informante 2, 41 anos, paisagista, grau universitário)

“Eu me aceitei legal quando eu parei de pensar quem é o culpado, de quem é a culpa, não tem culpado na estória, eu acho que tem, assim, dentro da minha realidade eu tenho que ser feliz assim” (Informante 3, 41 anos, artista plástico, grau universitário)

“Sempre era difícil assumir, né, eu acho que até hoje eu acho que é, é difícil ... eu demorei para pensar que eu sou normal, vê se você me entende. Me considero super normal, normal gostando de homem (...) eu não tenho problema de ser assim (Informante 4, 48 anos, artista plástico, grau universitário)

“Eu sou um homossexual de 50 anos, feliz, que sempre me assumi (Informante 5, 50 anos, artista plástico, grau universitário).

O homem para se aceitar homossexualmente, passa por quatro momentos: O sentir-se “diferente”, a começar a dar sentido sexual a essa “diferença”, o reconhecer-se como homossexual por meio do papel afetivo-sexual com outros e, finalmente, aceitar esses sentimentos<sup>16</sup>.

Na categoria “O perceber-se como homossexual” foi possível identificar o que o referido autor relata como *sentir-se “diferente”* e o dar um *sentido sexual* a essa diferença, por meio das falas dos informantes.

Nos discursos sobre o aceitar-se e o assumir-se detectamos como estes homens vivenciam os dois últimos momentos referido pelo autor: o *reconhecer-se* e o *aceitar-se*. Na visão desse autor, o conflito interno que os homens homossexuais trazem dentro de si por se sentirem “diferentes” nasce da sociedade e para se aceitar, o homem homossexual precisa ter resolvido dentro de si as proibições, as quais são sociais, mas que também estão introjetadas nele e pela as outras pessoas.

Hart e Richardson<sup>9</sup> complementam este conceito de aceitar-se, de assumir-se, acrescentando o conceito de *revelar-se*. *Revelar-se* seria uma questão complexa, que envolve, pelo menos, três estágios entrelaçados e que a maioria das pessoas jamais completa inteiramente. Revelar-se a si mesmo, ou seja, começar a perceber-se como homossexual seria o primeiro estágio, conhecer outras pessoas homossexuais seria o segundo; e revelar-se no mundo heterossexual, comunicando aos não homossexuais sua própria homossexualidade seria, finalmente, o terceiro estágio.

Os discursos revelam o quanto foi difícil para os informantes aceitar-se e revelar-se, buscando a própria individualização, seu Eu, sua essência, visto que é um Eu que não se enquadra no que a sociedade construiu como um padrão socialmente aceito. A individualização é um processo que busca à essencialização<sup>16</sup>. O fundamento básico da individualização, que visa não sucumbir aos ditames da massificação, consiste em um temporário afastamento da constante utilização das coisas para se estabelecer uma verdadeira relação com as mesmas.

No confronto entre o *Eu* e o mundo massificado que o homem se percebe angustiado.

“quando o homem estremece na alienação e o mundo o angustia, ele levanta o olhar (para a direita ou para a esquerda, pouco importa) e avista uma imagem. Então, ele vê que o *Eu* está contido no mundo e que, na verdade não há *Eu*, e, por isso, o mundo não pode prejudicá-lo, e, então ele se tranqüiliza; ou, então, ele vê que o mundo está contido no *Eu*, e que, afinal, não há mundo, e, por isso, ele também não pode prejudicar o *Eu*, o que tranqüiliza também. E uma outra vez, quando o

homem se estremece na alienação e o seu *Eu* o aterroriza, ele levanta os olhos e vê uma imagem, pouco importa qual: ou o *Eu* vazio está totalmente repleto de mundo ou submerso na torrente do mundo, e ele se tranqüiliza. Porém, chega um momento em que o homem que estremece levanta os olhos e vê, num só lance, as duas imagens de uma vez. E então um termos mais profundo se apodera dele”<sup>13</sup>.

Este temor ao qual esse autor se refere de se perceber como duas imagens – o *Eu* no mundo e o mundo em mim – contidas numa só, é o que proporciona o crescimento pessoal, impulsionando o homem em direção à sua individualização, ao árduo processo de aceitar-se e assumir sua humanidade.

A partir deste momento, o homem pode ver-se diante de si, como ser humano. Não um humano reduzido a um *isso*, mas, “uma humanidade verdadeiramente encarnada à qual o humano diz verdadeiramente *Tu*”<sup>13</sup>. Quando o *Eu* do homem diz *Tu* a si mesmo entra em relação consigo no santuário da palavra princípio *Eu-Tu* e pode sentir sua totalidade. E é exatamente sobre isto que estes homens falam: como seu *eu* reagiu à massificação, triunfando sobre esta.

Estes homens mostram em suas vivências como buscar a individualização e a totalidade tem suas alegrias, como, por exemplo, impor barreiras à massificação, mas também dor, quando sobrecarrega o sentimento de estar só diante de uma multidão que não o reconhece como pessoa.

## APRENDENDO A COMPREENDER A HOMOSSEXUALIDADE

A análise compreensiva dos discursos dos informantes permitiu compreender, pelos significados por eles atribuídos à vivência de seus relacionamentos afetivo e sexuais, que um sentimento de angústia perpassa a existência, tendo em vista as dificuldades de serem aceitos como homossexuais pelos familiares e pelo grupo social.

Os discursos remetem que esses informantes sentiram dificuldades para vivenciar a sexualidade de modo prazeroso e sem culpa. Há relatos sugestivos de que desde os primeiros anos de vida a repressão sexual se fez presente e, permeando esse quadro, o silêncio e a atitude repressora da família se manifestaram possibilitando a construção de um modo de ser inautêntico de se relacionar no mundo tanto desses homens como de seus familiares.

Assim, apesar de se sentirem alvos de preconceito, fruto essa atitude do modo egótico da sociedade que não sabe lidar com o “alter”, os homossexuais aceitaram-se e buscam realizar-se em sua plenitude, considerando seu verdadeiro desejo sexual. Em sua vivência recusam-se a personificar os estereótipos criados pela sociedade para mais facilmente estigmatizar a população homossexual e recusam-se também a viver numa sociedade paralela, os guetos, pois preferem a possibilidade de integração social.

Deste modo, torna-se possível perceber um homem homossexual expressando-se de modo diferente daquele cuja imagem é veiculada pelo senso comum. Aquela antiga figura do homem homossexual como uma ‘caricatura de mulher’ com traços histriônicos e reações intempestivas que visam chamar a atenção, se um dia correspondeu à realidade, não corresponde mais hoje. O que é possível se ver hoje são homens, que buscam corajosamente enfrentar os preconceitos, ainda que este processo de busca da autenticidade seja árduo e, por vezes, doloroso.

O desvelamento deste fenômeno permitiu, então, ampliar a compreensão acerca da vivência subjetiva e humana desta for-

ma de expressar o desejo sexual e fez emergir uma reflexão crítica que vai em direção à necessidade de oferecer mais informação às pessoas em geral sobre a ampla gama de possibilidades de expressão da sexualidade, de modo que as formas tidas como as menos comuns não sejam vistas com olhos tão assustados e perseguidores como vem ocorrendo atualmente ainda, com a homossexualidade. Com menor estranhamento talvez as pessoas possam ser mais acolhedoras ao que é minoria, aceitando o diferente sem tentar ajustá-lo à maioria ou classificá-la como de menor valor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAUDRY, A; DANIEL, M. Os homossexuais. Rio de Janeiro: Artenova, 1977, p.10
2. LINS, R. N. Homossexualismo, In : A cama na varanda, Rio de Janeiro, Rocco. 1997.
3. FOUCAULT, M. História da sexualidade 2: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro, Graal. 1984, p.168.
4. VEYNE, P. A homossexualidade em Roma. In: ARIÈS, P.; BEIJIN, A. (Orgs.) Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Brasiliense. 1985, p.42.
5. POLLAK, M. A homossexualidade masculina ou: a felicidade do gueto?. In: ARIÈS, P.; BEIJIN, A. (Orgs.) Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Brasiliense. 1985.
6. FRY, P.; MACRAE, E. O que é homossexualidade. São Paulo: Brasiliense. 1991
7. COSTA, J. F. A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume – Dumará. 1992.
8. GOFFMAN, E. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara. 1988.
9. HART, J; RICHARDSON, D. Teoria e prática da homossexualidade. Rio de Janeiro: Zahar. 1981, p.10.
10. GRASSI, M.V.F.C. A sexualidade e o ser: uma compreensão do vivenciar masculino. Campinas, 118 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas. 1996, p.148.
11. MARTINS, J.; BICUDO, M. A. Pesquisa qualitativa em Psicologia – fundamentos e recursos básicos. São Paulo, Morais, EUC (Editora da PUC-SP). 1989
12. BRUNS, M. A. T. Reflexões acerca do “fazer” metodológico in Fenomenologia e análise do existir. In. CASTRO, D. S. P. de et al (Org.). São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo e Sobraphe. 2000, p. 215-224.
13. BUBER, M. Eu e tu. São Paulo: Morais. 1979, p.33-39-3-14-79-15.
14. BERNARDI, M. A deseducação sexual. São Paulo: Summus. 1992.
15. MARIOTTO, P. A gênese do humano em Martin Buber – encontro e diálogo como dádivas de relação. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. 1997, p.167
16. PAMPLONA DA COSTA, R. Os onze sexos – As múltiplas faces da sexualidade humana. SP: Editora Gente. 1994.

### Endereço para correspondência:

**MARIA ALVES BRUNS**

Rua Sampaio Ferraz, 151, apto. 53

CEP: 13024-430 - Campinas, SP

E-mail: [brunsmar@hotmail.com](mailto:brunsmar@hotmail.com)

**É preciso assumir o desafio e erradicar a  
SÍFILIS CONGÊNITA até 2010.**

**Nós da SBDST já assumimos esse compromisso.**

**E VOCÊ?**